

SEGUNDO DOMINGO NO ADVENTO

TEXTO: MATEUS 3.1-12

O 2º domingo de advento é tempo de uma expectativa pela vinda de Jesus. É tempo de ouvir João Batista, inspirado pelo Espírito Santo, identificando-se com aquela prometida voz em Isaías 40.3, e chamando ao arrependimento “em, com e sob” seu batismo (que é diferente do batismo cristão). É tempo de lembrar que “está próximo o Reino dos Céus.” (Mt 3.2), e que “toda árvore que não produz bom fruto é cortada e lançada ao fogo.” (Mt 3.10) Assim sendo, o tema que as leituras da “trienal A” para este domingo trazem não poderia ser outro que a preparação para a volta escatológica do Cristo Rei.

Olharemos com especial atenção ao texto do Evangelho de Mateus 3.1-12, e em seguida, apontaremos algumas referências das demais leituras do domingo. Todas as citações bíblicas são retiradas da tradução NAA.

Mateus 3.1-12

(v.1) O texto do Evangelho começa com a expressão “naqueles dias” (v.1). Aqui não há muito sentido temporal a ser retirado do texto a não ser que, aos olhos do evangelista, identificar o que acontecerá ali com um momento específico na história não foi considerado importante. Há uma lacuna temporal notável entre a volta de Jesus do Egito (2.19-22) e a passagem em questão, mas a expressão “naqueles dias” se trata de um contínuo profético já presente nos capítulos 1 e 2. Em outras palavras, que dias eram estes? Eram aqueles dias de Jesus, quando se cumpriram as profecias do Antigo Testamento.

João Batista aparece no deserto da Judeia. Geograficamente falando, aqui o mar morto recebe as águas do rio Jordão. De um lado, temos Jericó e do outro a Betânia. Não é à toa que, justamente neste lugar, o povo de Israel havia entrado na terra prometida por Deus (Josué 3-4). Agora, entretanto, há um recomeço da história do povo de Deus, um chamado para o novo Êxodo, um chamado para fora da sua terra (cidade), para que reentrem nela como um novo povo de Deus através do arrependimento pregado por João.

(v.2) Mas este *arrependimento* precisa ser bem entendido, pois costumeiramente o compreendemos como uma mudança de comportamento, um lamento pelo pecado. Este significado não está errado, mas Gibbs (2006, 152) entende que o contexto pede para que este vocábulo seja entendido como “seja convertido da descrença para a fé”. O argumento é o de que, se “arrepender-se”, aqui, apenas significasse voltar dos seus pecados, esta mensagem serviria tanto para crentes quanto para descrentes. Mas João, aqui, parece estar chamando pessoas a voltarem a ser ovelhas do divino pastor, os tirando da condenação final. Como veremos adiante, se trata de uma nova criação, de um chamado à fé.

Outra expressão importante aqui é o “está próximo o reino dos Céus”. O verbo se encontra no perfeito indicativo ativo, o que demonstra um estado resultante contínuo. Para Luteranos, um prato cheio para falar de escatologia inaugurada, o famoso “já” e “ainda não.”

Mas o que está próximo? O reino! Mas o *reino* não deve ser entendido geopoliticamente (como muitos até hoje defendem com unhas e dentes...), mas sim como algo muito mais dinâmico do que um pedaço de terra que está sob o poder de alguém. Reino é a atividade real, o reinado, são as ações que Deus, o Rei está começando a fazer. Em outras palavras, o reino está onde o Rei está reinando. Tão próximo que podemos dizer: o reino dos Céus *já* começou a operar, embora *ainda não* completamente.

(v.3) Então o evangelista identifica João com a profecia de Isaías citada segundo a Septuaginta. Mateus, inspirado pelo Espírito Santo, faz uma opção quanto ao velho debate sobre a ambiguidade do texto hebraico de Isaías 40.3. Será que é a voz que está no deserto (Uma voz clama no deserto: “Preparem o caminho do Senhor!”), ou o caminho é que está no deserto (Uma voz clama: "No deserto preparem o caminho do Senhor!")? Mateus responde: “Pois é a João que se refere o que foi dito por meio do profeta Isaías: "Voz do que clama no deserto: Preparem o caminho do Senhor (...)”.

É de se perguntar se existe mudança real no significado, já que em ambos os sentidos, tanto a voz de João quanto o seu ministério de preparação das pessoas acontecem no deserto. Mas atente para o fato de que, neste versículo, Mateus reafirma a divindade de Jesus Cristo: ele busca uma imagem referente a Deus no Antigo Testamento (caminho de YHWH), e introduz ali a figura de Jesus em seu lugar. Jesus é o Senhor!

(v.4) Aqui João Batista é apresentado com uma indumentária meio esquisita a nós, mas que também não é acidental. Ela mesma porta um sentido profético: era a roupa do profeta (Zacarias 13.4); Elias se veste assim (2 Reis 1.8). E a comida? *Kosher* de acordo com a lei mosaica: gafanhotos e mel silvestre. João Batista é o profeta no limiar entre dois testamentos, então quem o via fazendo tais coisas e se vestindo assim, sabia muito bem do que se tratava (v. 5).

(v. 6) Embora o Batismo de João Batista não fosse o mesmo batismo dos cristãos, batismo este que junta aquele que é batizado com o último dia (ver Mateus 28.19; Atos 19.1-7), ainda assim cabe se perguntar qual a relação entre o batismo e o arrependimento? Em outras palavras, o que vem antes: o batismo ou o arrependimento?

Três possíveis explicações surgem a partir de nossa perícopé: 1º O arrependimento vem antes do batismo (3.2 – “arrependam-se”); 2º O arrependimento é algo que acontece durante o batismo (3.6 – “confessando... eram batizados”); 3º O arrependimento é o objetivo final do batismo (3.11 – “Eu batizo... para arrependimento”). Qual deles é o certo?

Gibbs (2006, 154), responde: sim!

Esta complexidade mostra que o verdadeiro arrependimento – (...) vem pela Palavra de Deus, a proclamação escatológica da atividade *reinativa* que Deus agora está começando em Jesus. Assim, a pregação de João produz arrependimento. Este arrependimento continua a ser expresso pelas pessoas confessando os seus pecados enquanto são batizadas com o batismo de João. Além do mais, o presente que é o batismo de João também produz contínuo arrependimento e fé naquele de quem João está falando.

O fato é que o verdadeiro arrependimento, entendido aqui como o arrependimento da descrença para a fé, mesmo no batismo de João, não vem da ação humana, mas sim da Palavra de Deus. Neste caso, ele prefigura o batismo cristão, que por sua vez conecta o cristão ao “batismo escatológico” de Jesus, desta vez com o fogo (v. 11).

(v.7) João, então, percebe dois grupos tratados no texto como “farinha do mesmo saco”: Fariseus e Saduceus. Na verdade, pouco se sabe a respeito destas duas seitas judaicas, e o texto bíblico aqui não faz muita questão de diferenciá-los, já que seus primeiros leitores não teriam a necessidade de terem outras explicações. Importante, aqui, é que eles não são vistos positivamente.

Mas João não só os vê vindo, mas também percebe uma certa forma de malícia, de hipocrisia em sua busca. O texto não deixa claro se eles vinham para serem batizados ou apenas para observar o que estava acontecendo (o texto diz, literalmente, “estavam vindo para o seu batismo”). Entretanto, pelo contexto, temos a impressão de que eles vinham *para* serem batizados.

Assim, João os recebe com uma denúncia digna de um profeta: “raça/descendência de víboras!”. Aqui não devemos forçar uma interpretação alegórica ao texto, correlacionando estas pessoas ao diabo como se víbora aqui representasse o Inimigo. De qualquer forma, víboras não têm bom testemunho na Bíblia, sendo inevitavelmente ligadas com o seu veneno mortal. Por isso, aqui, nada de novo: um profeta advertindo um grupo de pessoas.

(v. 10) Neste versículo, João introduz a metáfora da árvore, que terá diversas aparições nas leituras deste domingo. E junto desta metáfora, a tensão escatológica reaparece, já que o machado *já* está deitado lá ao lado da raiz, embora *ainda não* a tenha cortado, ato este que acontecerá apenas no dia do juízo final. Para “escapar” deste corte profundo e da seguinte destruição pelo fogo, a árvore deve fazer aquilo que é natural a ela quando conectada no bom solo: produzir frutos bons.

Como mencionamos antes, estas palavras estão sendo direcionadas aos fariseus e saduceus, e pouco sabemos destes dois grupos. Gibbs (2006, 171) sugere que eles talvez tenham entrado numa espécie de antropologia otimista que os levou a um perigoso e mortal sinergismo. Talvez pensassem que a expiação pudesse ser adquirida de várias formas, inclusive através de boas ações.

Por isso, do contrário do que possa parecer, “João não está dizendo, ‘adicionem boas obras ao seu arrependimento.’ Ele está dizendo, ‘arrependam-se verdadeiramente e reconheçam sua necessidade; confesse seus pecados; fujam da ira de Deus!’ E quando eles fizerem isso, os frutos dignos de tal arrependimento virão à tona”. A fé verdadeira sempre produz bons frutos (Ef 2.10; Tg 2.26; Rm 14.23).

(v.11) Pelo contexto (machado estar na raiz... árvore infrutífera ser jogada no fogo), o batismo de Jesus aqui se trata de um batismo escatológico, com fogo, que não faz distinção entre aqueles que creem e os que não creem. Para os que creem, o fogo do Espírito Santo como

purificação e santificação. Para os que não creem, o fogo do juízo que separa a palha do grão (v.12). Aqui, a escatologia faz o Advento conversar com o Pentecostes.

Assim, o pastor que usar este texto como base, poderá abordar a questão da espera pela volta de Cristo e, com ela, a esperança de uma nova criação através do fogo. Cada vez menos ouvimos falar nos púlpitos a doutrina luterana da criação, mas este é um texto que nos urge a entender a volta de Jesus não como um resgate humano deste mundo (como se Deus não nos tivesse criado *no* mundo e *do* mundo – Gn 2.7), mas sim como uma nova criação, uma nova terra (Ap 21.1) onde Deus vai “tabernacular” em nosso meio de forma plena.

Precisamos lembrar nossos membros da importância do cuidado com a criação, tarefa que nos foi confiada por Deus já no Éden (Gn 2.15). Precisamos ter muita atenção para que nossa fala não seja gnóstica e defenda a demonização daquilo que é material (corpo, meio ambiente, planeta terra), e o endeusamento do etéreo (alma e/ou espírito).

A espera pela volta de Jesus Cristo deve estar intimamente ligada ao meu dia a dia através do cuidado com a criação e da esperança da nova criação no dia final. “Se não formos ensinados a esperar pela descida do verdadeiro Deus para renovar a sua criação, então não vai significar muito dizer que o poder salvífico e as ações do Último Dia já entraram na história com Aquela ao qual a pregação de João Batista aponta” (GIBBS, 2006, 161).

O reino dos Céus está próximo, por isso é tempo de arrependimento e de fé naquele que é mais poderoso do que João. Este que vem para dar o seu espírito para redimir *toda criação* (não só o ser humano!), mas que também é o juiz no fim dos tempos.

Salmo 72.1-7

Este é um Salmo atribuído a Salomão onde o tema do reinado do Rei Justo aparece com notas proféticas de um reino que deve vir. Assim, o Salmo ajuda a responder à pergunta sobre o reino dos céus que, como defendemos anteriormente, tem a ver com um reinado dinâmico, com as ações que Deus, o Rei, está começando a fazer com Jesus.

(v.1) Perceba a beleza da “rima” hebraica em forma de X no primeiro versículo:

Ao rei os teus juízos
A tua justiça ao filho do rei



O juízo geralmente se liga a questões mais legais, de corte, julgamentos etc., enquanto a justiça está ligada à retidão ética, mas principalmente àquele que é a própria Justiça de Deus: Jesus Cristo.

(v. 2) Aqui novamente o paralelismo sinônimo aparece “teu povo = teus aflitos” e “com justiça = com retidão.” Isto indica uma ênfase bem importante nas coisas ali ditas e de certa forma repetidas. Portanto, atenção! “Julgue com justiça,” isto é, com uma justiça que não é nossa, mas que passa pelo próprio Juiz que é justo. Assim, aquilo que Deus exige, ele mesmo fornece em Jesus Cristo.

(v. 6) A presença da água neste Salmo também é de se destacar, tendo em vista o evangelho que dá tema a este domingo falar sobre o batismo. Este rei justo permanecerá para sempre (escatologia) e será como a chuva e como o aguaceiro.

(v. 7) Perceba o tema de "florescer" também se repete com os bons frutos (justiça e paz), até que cesse de haver lua (escatologia).

Assim, ecoa nas palavras de Salomão este reino dos céus escatológico que nos impulsiona a aguardar com a esperança da nova criação.

Isaías 11.1-10

Uma passagem extremamente conhecida e poética (que inclusive é citada na epístola de hoje!), onde Isaías também fala do reinado pacífico do rebento de Jessé. A temática do Rei e da árvore também ecoaram aqui e poderão ser citadas no sermão.

(v. 1) Notar novamente o paralelismo: “Do tronco = da raiz” “um rebento = um renovo.” Jesus, o descendente de Jessé, será esta coisa nova que João Batista pregava no deserto. João chama o povo a um batismo de arrependimento para que o povo seja um novo povo conectado agora a este tronco. Assim, conectados pela fé a Cristo, este novo povo produzirá bom fruto, e por estarem unidos a Cristo, escaparão da condenação.

(v. 6-9) Perceba que beleza esta nova terra sob o reinado de Jesus: nada de almas andando nas nuvens sem nada para fazer, mas toda a criação interagindo em harmonia e paz, sem medo e sem vergonha. Este tipo de esperança que uma robusta doutrina da criação é capaz de trazer a um planeta que está sendo abusado justamente por aqueles que deveriam o proteger e cuidar.

(v.10) Interessante notar o uso da expressão “naquele dia,” que remonta ao último dia, onde as nações recorrerão à raiz. Nossa esperança é linda e confortadora, e precisa ser sempre lembrada por nossos membros.

Romanos 15.4-13

No fim de seu apelo por acolhimento mútuo e fim de discussões que separam sem serem importantes o suficiente para isto (atenção para nossa situação no Brasil!), Paulo fala sobre esperança, indicando de onde ela vem (v. 13). A pregação de João Batista não olhava mais para quem era “filho de Abraão”, mas se tratava da Nova Aliança agora acessada pelo batismo de arrependimento.

Jesus é o paradigma do acolhimento cristão: foi ele que veio unir gentios e judeus sob uma nova aliança já prometida no Antigo Testamento. O acolhimento é outro bom fruto que a fé neste Cristo produz, e na verdade, é uma das principais características da igreja fundada por Cristo.

(v.9) Paulo cita 2 Samuel 22.50, um cântico de **Davi** quando Deus o livrou de Saul. Vale a pena reler este trecho de 2 Samuel para conferir outros temas similares com as leituras deste domingo!

(v.10) Paulo faz a citação de Deuteronômio 32.43, um cântico de **Moisés** quando este estava passando o bastão para Josué, que entraria na terra prometida através do mesmo lugar onde João Batista pregava seu batismo de arrependimento.

(v. 11) Paulo cita o menor salmo e o menor capítulo da Bíblia, o Salmo 117.1.

(v. 12) Paulo também faz uso do texto de Isaías 11.10, texto lido neste domingo, que faz referência ao rei que governará os gentios, e não só os judeus.

Assim, é minha oração que Deus o ilumine em teu meditar sobre os assuntos aqui tratados para que possas cumprir teu trabalho de conectar estas verdades bíblicas ao teu contexto específico.

Rev. Me. George Carlos Felten